A MEMÓRIA E SEU CONSTRUCTO EM *SOMBRAS DE REIS BARBUDOS* E *K: RELATO DE UMA BUSCA*

Andressa Estrela Lima
Mestranda em Literatura (UnB)
andressa_e@outlook.com
Orientador: Prof. Dr. Paulo C. Thomaz

O muro era muito alto, como você pode ver; Não importava o quanto ele tentasse, ele não conseguia se libertar. (Pink Floyd, Hey you, 1979)

RESUMO: Este trabalho busca realizar uma análise das obras *Sombras de reis barbudos* (1975), de José J. Veiga, e *K.: Relato de uma busca* (2014), de Bernardo Kucinski, para debatermos em torno de aspectos memorialísticos, problematizarmos sobre os elementos simbólicos comuns utilizados nas narrativas e suscitar discussões em torno das heranças ditatoriais.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Elementos simbólicos. Heranças ditatoriais. Bernardo Kucinski. José J. Veiga.

OBJETIVOS: Discutir aspectos memorialísticos propostos por essas narrativas; Buscar elementos simbólicos comuns nos romances em questão;

METODOLOGIA: O estudo se iniciou pela interlocução entre história e ficção, a respeito da inevitabilidade da aproximação entre esses discursos e como a memória relaciona tanto a individualidade como a coletividade, além da presença constante do passado; e, por fim, foi feito um apanhado em torno das similaridades das obras buscando uma problematização dessas representações ditatoriais e o que elas trazem para as discussões sobre as heranças ditatoriais.

"Depois, quando se passaram muitos dias sem respostas, esse pai ergue a voz; angustiado, já não sussurra, aborda sem pudor os amigos, os amigos dos amigos e até desconhecidos; assim vai mapeando, ainda como um cego com sua bengala, a extensa e insuspeita muralha de silêncio que o impedirá de saber a verdade.
Descobre a muralha sem descobrir a filha." (KUCINSKI, 2014, p.64).

DISCUSSÃO

O romance *Sombras de reis barbudos* (1975) foi publicado pela primeira vez em 1972, quando o país estava sob o governo do presidente Emílio Garrastazu Médici, este sendo o terceiro presidente militar do período ditatorial.

A obra é uma narrativa em primeira pessoa contada por Lucas, um adolescente que conta a sua vida e dos habitantes de Taitara, uma cidade pequena que, com o passar do tempo, foi dominada pela Companhia de Melhoramentos de Taitara, que instala um sistema repressivo com leis absurdas, como a proibição de rir em público, a fim de controlar tudo e todos na cidade.

Já *K.: Relato de uma busca* (2014) foi publicado originalmente em 2011 pela Expressão Popular. Neste mesmo ano foi fundada a Comissão Nacional da Verdade, que investigou violações dos direitos humanos entre os anos de 1946 e 1988 no Brasil, período este que abrange o início e o fim da ditadura militar brasileira.

O enredo é contado em terceira pessoa que narra a trajetória do personagem chamado K. à procura de sua filha que desaparece no período ditatorial brasileiro sem deixar vestígios. No decorrer dessa procura, dialoga com os desaparecidos e mortos da ditadura e de outros regimes repressores, como o Nazismo e o governo de Getúlio Vargas. Além disso, outras vozes aparecem em sua composição, tanto dos militantes de esquerda como dos militares.

O cunho memorialístico nessas narrativas reivindica seus direitos na história oficial pela subjetividade, pois, a partir de suas representações com relação aos desaparecidos e mortos, denunciam a face repressiva do governo ditatorial, tanto no contexto dentro da ditadura, como no contexto atual, além de apresentarem características universais estabelecendo diálogos com todos os sistemas repressores já existentes.

"De repente os muros, esses muros. (...) No princípio quebrávamos a cabeça para achar o caminho de uma rua à rua seguinte, e pensávamos que não íamos nos acostumar; hoje podemos transitar por toda parte até de olhos fechados, como se os muros não existissem." (VEIGA, 1975, p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os romances analisados mostram que é possível trazer debates a respeito da história oficial brasileira considerando narrativas fictícias, pois elas percorrem um caminho entre imaginação e contexto histórico, além de dar visibilidade a fatos constantemente ignorados ou desconhecidos pelo social a respeito do recorte temporal que descrevem.

Dessa forma, realizam leituras do presente, disputas de significados, mas sem avançar nos elementos simbólicos, ocorrendo assim um engessamento desses mecanismos se pensarmos as obras diacronicamente.

Essas representações expõem os danos causados pelo período ditatorial brasileiro e mostram as suas heranças negativas que se perpetuam nos dias de hoje, pois a identificação desses legados ditatoriais no presente podem proporcionar uma possível desarticulação de ondas conservadoras que insistem em defender a volta da ditadura nos tempos atuais, e desfazem, assim, uma das armas do sistema: o esquecimento.

Nesse sentido, por mais que as obras possuam desfechos que denotam continuidade das injustiças descritas, percebe-se que o ato da escrita dessas histórias é em si um ato de resistência.

BIBLIOGRAFIA

HALBAWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad.: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

KUCINSKI, Bernardo. *K.: relato de uma busca*. São Paulo: Cosacnaify, 2014.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad.: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrativas contra o silêncio: cinema e ditadura no Brasil In: *Escritas da Violência, vol. 2 | Representações da violência na história e na cultura contemporâneas da América Latina*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

VEIGA, José J. *Sombras de reis barbudos*. 2ª ed. São Paulo: Circulo do livro S.A., 1975.

UnB

CAPES

grupo de estudos em literatura brasileira contemporânea